

SIBACOPY, À NOITE

*Espacios encimados,
montañas que separan
nuestra realidad despeñada
(...) el aura (...)
susurra eternamente
el mismo tono.*

- Mara Romero, *Identidad*.

*Espaços elevados,
montanhas que separam
nossa realidade despencada
(...) a aura (...)
sussurra eternamente
no mesmo tom.*

- Mara Romero, *Identidad*.

Jovem assassina seu agressor

Esperanza, Sonora, México. 21 de Agosto de 2006

Agentes da Polícia Judiciária do Estado prenderam uma menor que, ao que tudo indica, cometeu homicídio contra um jovem que quis forçá-la a manter relações sexuais. O fato ocorreu numa área rural de Sibacoby, em Cócorit.

A menor detida é Josefa Buitimea Gómez, de 15 anos de idade, residente no bairro Miravalle, na cidade de Obregón. A vítima foi identificada como Luciano Valenzuela Murrieta, que tinha 31 anos e residia no bairro de Eduardo Estrella, em Cócorit. Ainda se aguarda o resultado da autópsia para determinar as causas da morte.

Um familiar da menor disse que, por volta de uma hora da madrugada de hoje, ela e a vítima saíram para um passeio a cavalo e, como depois de algum tempo eles não voltavam, ele decidiu registrar uma queixa pelo desaparecimento da jovem.

Depois de intensas buscas pela região, agentes da Procuradoria de Justiça localizaram a menor na cidade de Cócorit. Em suas primeiras declarações, ela contou que o sujeito a levou a Sibacoby e lá, quis forçá-la a manter relações sexuais. Relatou também que se aproveitou de um descuido da vítima para alcançar um garrote, com o qual lhe desferiu vários golpes pelo corpo e depois, se retirou do lugar a pé.

Depois de ouvir essa versão, agentes da Procuradoria de Justiça foram até o local da ocorrência e descobriram o corpo de Valenzuela Murrieta, já sem vida. O fato foi imediatamente comunicado ao agente do Ministério Público do Fórum da Comarca, que se encarregou das investigações.

“Isso não é verdade”, disse a avó de Josefa. “Estávamos todos na festa, aqui na *ramada*, o quintal da minha casa que mais parece uma floresta, Luciano disse à menina que se ela quisesse ver o fantasma, ele levava. O fantasma da Casa-Grande, que aparece também em outros cantos, na árvore torta e outros lugares, e Luciano foi com ela até lá. Os dois são primos. Mas como se sabe, a mãe da Josefa é de Obregón e levaram a menina prá lá ainda pequena, ela não sabe muita coisa de nós, por isso está dizendo que deu um monte de paulada nele, ela é tão fraquinha, isso não é verdade. O fantasma é uma mulher *yaqui*, isso é o que dizem, uma das muitas que mataram os *yoris* nesse povoado. Quase sempre fica na Casa-Grande, mas tem quem diz que já viu a dona no Hotel ou na árvore torta, ela anda sempre por aqui, fazendo a gente lembrar disso. O fantasma ri muito quando assusta os cavalos. Ontem à noite ela riu, todo mundo ouviu. Depois, deu para ouvir direitinho que o rapaz gritava ‘cavalo desgraçado’. Aí o cavalo se assustou, ficou bravo e o cavalo acabou com ele, eles ficam assim quando estão assustados, não reconhecem o dono.

“Isso não é verdade”, disse o touro amarrado a uma tora seca de uma cerca improvisada. “Quem acabou com o desgraçado do sujeito não foi um cavalo, fui eu. Vi direitinho que ele se jogou em cima da moça e ela tentava se safar. Eu a conheço de vista, já olhei muito pra ela, quando anda, quando carrega água até a casa da avó, quando vem de Obregón. Já olhei muito pra ela e, por mim, eu casava com ela, mas estava esperando que crescesse um pouco mais. Esse desgraçado desse sujeito passou a minha frente. Eu me transformei em homem, na fera que sou e parti pra cima dele, parti pra cima mesmo e vi como ela corria, sem notar nem a minha cara nem essa corda que carrego amarrada e que

continuava pendurada enquanto o outro gritava 'cavalo desgraçado' e o cavalo desgraçado ia embora correndo.”

“Isso não é verdade, eu vi muito bem que saíram umas patas de cabra na moça e ela começou a chutar o rapaz, já que se viu sozinha com ele no morro, indo para a árvore torta. Chutava ele às gargalhadas. Aí então senti todo meu sangue ferver, o sangue que já foi derramado nas ruas e na praça do meu lugar. Senti que o rapaz era parte de mim, ela não. As árvores me pesavam mais que de costume e me custava muito respirar no meio delas. Os troncos aposentados dos cactos dos arredores da minha terra fértil me espetavam e me diziam que um *yori* tinha invadido nosso território e que já estava implantando o mal entre nós. O rapaz se transformou numa serpente, não teve outra saída, e a garota sentiu mais medo ainda e o chutou com mais força. Mas a verdade é que o moço nunca a atacou. E também não morreu de morte morrida, só mais ou menos. E já sabemos o que acontece quando os que viram serpente não morrem de todo. Luciano acusou a moça e ela tem que ser castigada.”

“Isso não é verdade”, disse a garota quando foi interrogada pela terceira vez. Na verdade tive medo de entregar o meu Luciano e por isso eu não disse a verdade. Mas agora, que estão me mostrando ele com essa carinha torta e as pernas quebradas, agora sim já sei que está morto e que não está solto por aí, fugido e cheio de culpa. O que aconteceu foi que eu e Luciano nos amávamos, nós íamos nos casar. Começamos a nos beijar, eu sentia cosquinhas e ria da conversa dele. Aí então apareceu outro homem, um homem muito grande e fortão, que começou a bater no Luciano e ele teve de se defender. Eu passei o garrote pra ele e ele usou até que o homem caiu cheio de sangue, com os olhos abertos.

Nós ficamos com muito medo porque tínhamos certeza de que ele estava morto. O cavalo dava voltas ao redor da árvore torta, uma árvore super grande, Luciano gritou ‘cavalo desgraçado’ e o cavalo veio e Luciano montou nele. E me disse ‘não tenha medo, vai ficar com sua avó. Eu tenho que ir embora ou vão me prender.’ Aí eu tive que voltar andando, mas não sabia por onde. E então ele me alcançou galopando e me disse: se enfia nessa árvore, ela não liga que você seja *meio yori*, e eu entrei. Caminhei por umas portas muito altas de madeira, tudo muito escuro e bem úmido. Enquanto eu estava dentro da árvore, escutava muito bem a voz do Luciano que ia me guiando e eu respondia, ele me dizia onde que eu tinha que dobrar. Quando saí já era de dia, saí de outra árvore, mais perto de casa. Luciano não estava mais, ninguém sabia onde ele estava. Por isso não sei como ele morreu, nem quando.”

“Isso não é verdade”, diz uma voz na escuridão, todas as noites desde aquele vinte e um de agosto. Logo depois, se ouve o relinchar de um cavalo.

© Cristina Rascón Castro (Sonora, México, 1976)

Do livro “Puede que un sahuaro seas tú”. Premio Noroeste de Literatura 2008.

© Traduzido por Alexandra Plubins

Ramada: É uma área ao ar livre com cobertura natural de galhos de árvores. Quando há alguma festa, o povo *Yaqui* costuma se reunir nesse espaço para conversar e contar histórias, enquanto comem pratos tradicionais.

Yaqui: Primeiro povo que habitou o deserto de Sonora, no noroeste do México. O povo *Yaqui* vive tanto em Sonora, no México, quanto no Estado do Arizona, nos Estados Unidos.

Yori: Originalmente, o povo *Yaqui* chamava o povo branco de *Yori*. Hoje em dia, os *mestizos*, que são a mistura entre *Yoris* e *Yaquis*, também são chamados de *Yori*.